

A ASCENSÃO DO RADICALISMO DE DIREITA E A VIOLÊNCIA IMPOTENTE: OS PARADOXOS DE UM ANTI-PROJETO POLÍTICO

THE RISE OF RIGHT-WING RADICALISM AND IMPOTENT VIOLENCE: THE PARADOXES OF AN ANTI-POLITICAL PROJECT

*Bruno de Almeida Passadore**

RESUMO

Este estudo explora o ressurgimento do radicalismo e da violência impotente, fenômeno que caracteriza movimentos de extrema direita. A análise se baseia na tese de que esses movimentos, ao invés de solucionarem questões sociais, criam inimigos imaginários e cultivam uma lógica destrutiva para perpetuar sua existência política. Comparações históricas, como o nazifascismo e a gestão da pandemia de Covid-19, ilustram as consequências sociais devastadoras dessa dinâmica. A pesquisa propõe uma reflexão sobre os desafios contemporâneos das democracias diante dessa onda autocrática e as dificuldades em neutralizar tais movimentos.

Palavras-Chaves: Fascismo, Radicalismo de Direita, Violência Impotente, Anti-Projeto, Democracia

* Doutor em Teoria do Estado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em cotutela com a Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Bolonha. Mestre em Direito Processual Civil pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Defensor Público Auxiliar do Núcleo de Defesa do Consumidor da Defensoria Pública do Estado do Paraná. E-mail: bruno.passadore@defensoria.pr.def.br. ORCID: 0000-0002-7513-1377

ABSTRACT

This study explores the resurgence of fascism and impotent violence, a phenomenon defining far-right movements. The analysis is based on the thesis that these movements, rather than solving social issues, create imaginary enemies and foster a destructive logic to sustain their political relevance. Historical comparisons, such as Nazism and the management of the Covid-19 pandemic, illustrate the social devastation of this dynamic. The research offers reflections on the contemporary challenges facing democracies amidst this autocratic wave and the difficulties in countering such movements.

Keywords: Fascism, Right-Wing Radicalism, Impotent Violence, Anti-Project, Democracy

1. INTRODUÇÃO

Até meados dos anos 2010, qualquer um que falasse de fascismo no mundo seria tachado de alarmista ou catastrófico e impassível de ser levado a sério, como se isso fosse uma simples curiosidade do passado, ao lado do absolutismo ou da teocracia. Em contrapartida, hoje, ser catastrofista parece ter se tornado quase um senso comum.

Considerando o retorno do assunto ao debate atual, o presente estudo visa analisar alguns aspectos do fascismo e, em específico, discutir aquilo que o autor aponta ser um dos aspectos fundamentais para compreensão do radicalismo de direita no mundo: a ideia da violência impotente, segundo o pensamento de Lynch (2020, p. 39), ou de simbolismo macabro, conforme ideia similar de Mondini (2022, p. 13 e 192).

Segundo a ideia que aqui se busca desenvolver, os movimentos radicais de direita seriam incapazes de responder aos desafios da modernidade já que limitados a ser um “anti-projeto” e essa lógica geraria uma série de paradoxos. Em outras palavras, ao se limitar a se apresentar essencialmente como uma simples negação da política dominantes e da institucionalidade “hegemônica”, tais movimentos se mostram incapazes de fazer frente aos desafios da modernidade e, com isso, teriam sua continuidade dependente da transferência dessa impotência para inimigos imaginários que suposta-

mente representariam forças que impossibilitariam que esses movimentos cumpram com suas missões. Todavia, conforme a tese que aqui procura se desenvolver, tal situação corre o risco gerar contextos de enorme crise social e altamente destrutivos.

A Segunda Guerra Mundial seria o episódio mais marcante de manifestação dessa violência impotente. Já a gestão desastrosa da pandemia de Covid-19 em países como EUA e Brasil, entre outros, seria igualmente uma manifestação (em menor intensidade) desse mesmo fenômeno. Todavia, se, de um lado, os descaminhos tomados durante a pandemia levaram à redução de poder político de tais movimentos em aludidos países, por outro lado, o desastre da gestão da pandemia não atingiu um grau de destrutividade tão elevado que fosse capaz de gerar o ostracismo (ainda que temporário) de tais forças radicais como se deu ao fim do último conflito mundial. A recente eleição de Trump, mesmo com todos os elementos que demonstram sua incapacidade para o exercício do cargo de presidente dos EUA, é a prova cabal disso.

Com isso, o risco que permanece é que por dependerem da lógica da violência impotente para sua continuidade política, tais movimentos poderiam gerar novos episódios de destrutividade possivelmente ainda mais graves que a gestão falha da pandemia de Covid-19 e comparáveis à da II-Guerra ou mesmo pior. Trata-se, neste aspecto, de um enorme risco em termos coletivos e que as denominadas “forças democráticas” apresentam uma dificuldade muito grande de apresentar qualquer tipo de resposta.

No presente estudo pretendo, portanto, a responder a duas questões fundamentais: a) o que leva à ascensão de novos movimentos radicais na atualidade? e; b) quais os riscos sociais relacionados a esses movimentos?

Para responder a tais perguntas, o estudo será dividido em três partes para além da presente introdução e da conclusão final.

A primeira delas, será apresentada a origem da discussão científica aqui apresentada, em especial, como estaríamos vivendo uma terceira “onda autoritária” em atualização ao pensamento de Huntington (1994), justificando-se, com isso, a reflexão sobre o tema.

Na segunda, será explorada em especial como tais manifestações poderiam ser enquadradas enquanto um fator de organização de uma insatisfação social que não foi devidamente canalizada pelos políticos tradicionais, fossem de direita, fossem de esquerda. Ou seja, enquanto uma

resposta indefinida às diversas demandas sociais por mudança e, com isso, transformou-se essencialmente em um anti-projeto. Logo, mais do que serem enquadrados em etiquetas de direita ou esquerda, tais movimentos poderiam ser vistos como movimentos de “indignados” com demandas inespecíficas de “mudar tudo que está aí”.

Na terceira parte, será abordada a questão de, ao se tornar um anti-projeto, esses movimentos políticos passam a depender dessa (anti) lógica da “violência impotente” ou “do simbolismo macabro” para se reproduzir politicamente. Será explorada a incapacidade institucional desses movimentos em apresentar soluções aos problemas reais da sociedade, posto que refém da dinâmica de ausência de projetos. Com isso, a sua manutenção no poder se torna dependente da criação de mitos para expiar a culpa de sua ineficiência e fracasso em solucionar problemas reais.

Por consequência, e segundo a tese aqui defendida, se faz inerente a esses projetos políticos, quando não controlados eficazmente, o desencadeamento de graves crises sociais como a II-Guerra Mundial ou, em menor grau, a gestão desastrosa da pandemia de Covid-19.

Ao final, e considerando o construído, será apresentada conclusão em que será explorada a necessidade de um enfretamento eficaz desses movimentos, posto que, apesar de terem sofridos graves derrotas políticas após a pandemia, eles não foram eficazmente marginalizados e, com isso, voltaram a assombrar as democracias ocidentais (Cervi, 2023, p. 145). Por sua vez, o risco que se corre, com o retorno desses movimentos especialmente nos EUA, será uma nova manifestação dessa violência impotente e de crises sociais dela decorrente, cujos resultados são imprevisíveis.

2. ORIGENS DA PESQUISA: A “TERCEIRA ONDA REVERSA”

2.1 As Três Ondas de Democratização e as Duas Ondas Reversas

Huntington estudou a democratização global com o objetivo de identificar fatores que impulsionaram transições democráticas e padrões comuns em diferentes contextos geopolíticos. Como ponto de partida do

seu estudo, aponta que o ano de 1828 seria o marco histórico da primeira onda democrática da história contemporânea. Isso se deu, segundo o autor, porque as eleições estadunidenses de aludido ano foram o primeiro experimento moderno em que qualificações de propriedade para votar foram virtualmente abolidas e, conseqüentemente, mais de 50% dos homens livres do país puderam comparecer às urnas para escolher seus governantes em sufrágio secreto. Desse experimento, diversos outros países passaram a expandir o direito ao sufrágio aos moldes dos EUA em favor dos seus cidadãos, como Suíça, França, Reino Unido, entre outros (Huntington, 1994, p. 26).

Essa primeira e longa onda democrática se encerrou em 1922 com a famigerada marcha sobre Roma em que Benito Mussolini e seus asseclas tomaram o poder em terras italianas. Em cerca de dez anos, países como Lituânia, Polônia, Letônia, Bulgária, Iugoslávia e, muito simbolicamente, a Alemanha em 1933 viram suas democracias colapsarem. Com a derrota do Eixo e a destruição gerada pela II-Guerra ocorreu a marginalização política do nazifascismo ao redor do mundo. Abriu-se, assim, espaço para uma segunda onda de democratização iniciou-se ao redor do mundo¹. Nesse momento, países que nunca haviam visto práticas democráticas – como o Brasil, Costa Rica, Argentina, Peru etc. – passaram a ter suas primeiras experiências nesse campo.

Todavia, esse período foi seguido de uma segunda onda reversa. Ao final dos anos 1950 e início dos anos 1960, em um contexto de Guerra Fria, diversos regimes vistos até então como democráticos se tornaram novamente autoritário. Entre eles, houve um especial destaque para a América Latina². Se em 1960, dos 10 países sul-americanos

1. Obviamente, em razão de uma forte influência dos Estados Unidos da América, grande vencedor da II-Guerra Mundial.

2. Huntington (1994, p. 28 e seguintes), porém, argumenta que tal onda reversa, apesar de marcante na América Latina não se limitou a essa região do globo. Argumenta que igualmente afetou diversas ex-colônias britânicas. Após suas respectivas independências em meados dos anos 1940 e 50, muitas delas haviam se tornado democráticas. Porém, ao final dos anos 1960, se tornaram ditaduras. Em especial, isso aconteceu nas ex-colônias britânicas da América Central e Caribe, África e Ásia. Da mesma forma, mesmo países europeus se viram em um processo de autocratização, como na Grécia, Turquia e Checoslováquia. Esta última, apesar de não ser exatamente democrática à época, passava por um processo de abertura política que foi revertido após a invasão de tropas da antiga União Soviética em agosto de 1968 no país.

latinos³, nove haviam elegido seus governantes em eleições consideradas livres, em 1973 esse número foi reduzido para apenas dois (Huntington, 1994, p. 30).

Finalmente, a partir da Revolução dos Cravos de Portugal, ocorrida em 1974, teve início a terceira onda de democratização. Entre 1974 e 1990, muitos países substituíram seus governos autoritários por modelos democráticos ao redor do mundo. Destaca-se o avanço da democracia na Europa com o fim da ditadura militar na Grécia cerca de três meses após a Revolução dos Cravos, o fim do regime franquista na Espanha em 1975 e, de forma ainda mais relevante, o processo de dissolução da União Soviética no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.

Igualmente, a América Latina sofreu grandes impactos positivos dessa onda de democratização. Entre outros, com o fim da ditadura militar no Peru em 1980 – decorrente do retorno de Fernando Belaúnde Terry, presidente deposto pelos militares em 1968, ao poder –, fim da ditadura militar na Argentina em 1983 – após a derrota acachapante na Guerra das Malvinas –, fim da ditadura militar no Brasil em 1985 – com a eleição de um civil, Tancredo Neves, ao posto de presidente – e o fim do governo Pinochet no Chile em 1988 – com o plebiscito que decidiu pôr fim ao regime ditatorial. Igual impacto teve nos países Africanos e Asiáticos, como o fim do regime de apartheid na África do Sul em 1994 e a eleição de Nelson Mandela, e o colapso final do poder colonial britânico, português, francês e espanhol nessas regiões do globo.

Portanto, segundo a visão Huntington, o mundo estaria, desde 1974, vivendo essa terceira onda de democratização⁴. Todavia, ao que

3. Excluindo-se, portanto, Guiana e Suriname, por não serem classificados como latinos em razão de colonização inglesa e holandesa. Ademais, são países considerados muito pequenos em termos populacionais e econômicos. Ainda, exclui-se a Guiana Francesa já que até hoje é um território ultramarino francês.

4. Huntington (1994, p. 25) apresenta o seguinte quadro resumo das três ondas de democratização e das duas ondas reversas:

Primeira onda, longa, de democratização	1828-1926
Primeira onda reversa	1922-42
Segunda onda curta de democratização	1943-62
Segunda onda reversa	1958-75
Terceira onda de democratização	1974-atualidade

aqui se defende, seria correto dizer que a terceira onda reversa⁵ vem tomando curso de forma marcante desde 2017 com a ascensão de Donald Trump à presidência dos EUA pela primeira vez (Lührmann; Lindberg, 2019)⁶.

Aponta-se que essa onda não está atingindo apenas países já tidos como relativamente autoritários, como ocorreu na segunda onda reversa, a qual marcou especialmente a América Latina, Ásia e África. Em realidade, e tal como a primeira onda reversa, a atual possui um

5. Veja-se que referida onda reversa, diferentemente das anteriores, não significou necessariamente o colapso total da democracia e a instauração de uma ditadura. Em realidade, o processo de autocratização envolve não apenas essa tradicional ideia de colapso democrático, mas essencialmente três fenômenos diversos: i) uma “recessão democrática” (comumente denominada “democratic backsliding”) em que países ainda considerados democráticos vêm suas balizas liberais de alguma forma corroídas. Trata-se de algo que se viu (e ainda se vê) no Brasil recentemente. Algo decorrente, entre outras coisas, de: processos de redução de direitos e maior marginalização de grupos politicamente minoritários – tais como negros, imigrantes, populações indígenas e LGBTQIA+; normalização de discursos de descrédito de órgãos de controle e de disseminação de fake news pelas autoridades públicas do país; e, ainda, a perseguição política e a violência física contra a imprensa livre e defensores de direitos humanos (Freedom House, 2024b; Buyon 2022, p. 7; Freedom House, 2021, p. 15). Por sua vez, além da ideia de recessão democrática, tem-se: ii) o “colapso democrático” propriamente dito, em que um país tido por democrático decai em uma ditadura com a supressão de mecanismos reais de checks and balances, em que contingentes numericamente mais significativos de pessoas estão sujeitos a violência por razões políticas e em que os processos eleitorais são formalmente abolidos ou passam a ocorrer de forma fraudulenta. Como exemplo, tem-se o Brasil por ocasião do golpe militar de 1964, em que se sacou do poder um governo democraticamente eleito e colocou-se em seu lugar um grupo de autocratas militares que silenciaram e perseguiram opositores, bem como criaram um sistema de competição política absolutamente artificial e controlado. Por fim, tem-se a ideia de iii) uma “consolidação autocrática” em que países já autoritários se fecham ainda mais, perseguindo com mais violências opositores e minorias, e virtualmente acabando com qualquer tipo de garantias ou liberdades individuais. Utilizando-se novamente o Brasil como exemplo, tratou-se de algo ocorrido em 1968 quando o governo militar baixou o famigerado Ato Institucional n. 5 – conhecido como AI-5 –, tornando o regime ainda mais violento e inaugurando aquilo que a historiografia intitulou como os “Anos de Chumbo” da ditadura brasileira e cuja reedição foi defendida tanto pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, quanto pelo ex-ministro, Paulo Guedes, como uma possibilidade de resposta institucional a uma ameaça socialista (Betim, 2019).

6. Em sentido similar, porém apontando como termo inicial o ano de 2005, tem-se o posicionamento da Freedom House (2024a, p. 2): “Global freedom declined for the 18th consecutive year in 2023. The scope and scale of deterioration were extensive, affecting one-fifth of the world’s population. [...] A total of 52 countries suffered declines [in global freedom] over the past year, while only 21 improved”.

aspecto global e vem atingindo países até então tidos por democracias consolidadas (Lührmann; Lindberg, 2019, p. 1103/1104). Os Estados Unidos e outros países da Europa Ocidental, considerados como berços da democracia moderna, costumavam ser vistos como imunes a qualquer mínima potencialidade de ameaça democrática. Eram países tidos, mesmo na visão de respeitáveis estudiosos, como bastiões democráticos verdadeiramente intransponíveis (Bobbio, 1997, p. 36/37; Fukuyama, 1989). Os fatos atuais, porém, bem demonstram o erro de prognóstico. Políticos como Jair Bolsonaro, Viktor Orbán ou Donald Trump, tornaram-se figuras proeminentes mesmo não escondendo em nenhum momento suas visões de desconfiança e desrespeito às instituições de seus respectivos países.

3. COMPREENDENDO A TERCEIRA ONDA REVERSA: OS LÍDERES POPULISTAS DE DIREITA E SEUS DISCURSOS ANTSSISTEMA

3.1 Uma Democracia Liberal?

Essas lideranças foram muito sagazes ao fidelizar uma parte importante do eleitorado de seus respectivos países através de um discurso antissistema. A chave de compreensão dessas figuras, portanto, parece ser menos uma ideia de insanidade atávica que atingiria certos grupos e pessoas e sim procurar entender algumas coisas por detrás delas, das quais se destaca: i) o processo de acelerada perda de legitimidade popular que as figuras políticas tradicionais de diversas democracias vêm passando nos últimos anos; ii) como diversos líderes conseguiram obter suporte político explorando essa questão; e iii) como, com tal força, algumas dessas figuras passaram a implementar uma agenda de deslegitimação democrática geral e de proposição de uma nova forma de organização política fundada essencialmente na ideia de violência.

Explorar a insatisfação popular com os problemas sociais do momento, apontar eventuais decisões equivocadas no seu enfrentamento e, com isso, apresentar projetos alternativos para corrigir possíveis erros dos governantes faz parte do regular processo democrático. Inclusive, isso pode ser definido

como uma das mais importantes e salutares características desses governos. O livre trânsito de ideias e críticas, aliado a eleições periódicas, permite à sociedade promover o constante aperfeiçoamento institucional, assim como torna possível o abandono da violência e do método revolucionário como meios de troca de gestão da máquina pública. Ou seja, nas democracias, a busca de alternativas e mudanças de rumos se dá de forma livre, pacífica e dentro de uma continuidade institucional (Santos, 2011, p. 37; Bobbio, 1997, p. 38/39).

Por outro lado, o grande risco se apresenta quando em lugar de explorar a insatisfação social com os rumos políticos, certos grupos passam a querer transformar um eleitorado descontente com as decisões tomadas pelo governo em uma massa de radicais indignados com a própria institucionalidade democrática. O problema, portanto, deixa de ser visto enquanto decisões ruins tomadas por políticos incompetentes e passa a ser visto como algo intrínseco ao próprio sistema que, ao ser fundado na tolerância do diferente, no respeito das minorias políticas e na alternância de poder, supostamente impossibilitaria que respostas eficazes fossem tomadas para devido enfrentamento dos problemas sociais.

Em suma, o perigo à democracia não se apresenta quando são expostas e exploradas politicamente a insatisfação popular e o desejo de mudança em relação às decisões políticas do momento. O perigo à democracia se mostra quando se procura converter esse descontentamento social em um desejo de mudança em relação às instituições e os valores democráticos em si, os quais passam a ser apresentados como barreiras intransponíveis para lidar com os desafios sociais do momento.

De certa medida, portanto, este é o do projeto político de Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, de construir uma “democracia iliberal”⁷ cujo objetivo seria promover uma redução do vigor de mecanismos de controles de poder, bem como o esvaziamento de certos direitos e garantias legais, especialmente de minorias políticas. Por outro aspecto, porém, deseja-se manter (no discurso, pelo menos) a continuidade de outros institutos inerentes à democracia, tais como a ideia de decisão majoritária e eleições periódicas.

7. Nos termos de Orbán (2014 – grifos adicionados): “Temos que afirmar que uma democracia não precisa necessariamente ser liberal. Só porque um Estado não é liberal, ele ainda pode ser uma democracia. E, de fato, também tivemos e afirmamos que as sociedades que são construídas sobre o princípio da organização estatal da democracia liberal provavelmente serão incapazes de manter sua competitividade global nas próximas décadas e provavelmente serão reduzidas a menos que sejam capazes de mudar a si mesmas significativamente. [...] A nação húngara não é simplesmente um grupo de indivíduos, mas uma comunidade que deve ser organizada, reforçada e de fato construída. E assim, neste sentido, o novo Estado que estamos construindo na Hungria é um Estado iliberal, um Estado não liberal.”

Trata-se da construção de um novo arranjo institucional supostamente democrático⁸, mas marcado por uma baixa capacidade participativa da população, excludente de grupos minoritários e com uma capacidade de controle de poder deveras limitada, sob o argumento de que essas características seriam entaves institucionais incompatíveis com a modernidade.

3.2. É Preciso Democratizar a Democracia

Entre 2011 e 2016, o mundo passou por ondas de manifestações públicas generalizadas do Brasil à Austrália, da Espanha aos Estados Unidos, do Canadá à Grécia. Aparentava-se que todas as pessoas, e especialmente os jovens, haviam resolvido se contrapor a uma forma de organização política cujo discurso dizia ser fundada na soberania popular e no bem-estar de todas as pessoas, mas que, em realidade, havia se tornado um sistema cujo real propósito era a reprodução e proteção das elites com pouca atenção (ou nenhuma) às necessidades sociais mais básica dos cidadãos comuns (Gerbaudo, 2017, p. 2; Mascaro, 2013, p. 17)

Segundo Gerbaudo (2017, p. 30 e 238), esses movimentos foram caudatários da crise que atingiu o mundo a partir de 2008. Para além do empobrecimento generalizado e aumento das disparidades econômicas⁹, tal crise trouxe consigo galopante frustração com a demo-

8. Não à toa, o Parlamento Europeu (2022, item 2; Buyon, 2022, p. 7), classifica o governo húngaro como uma espécie de regime híbrido – ou seja, nem uma democracia plena, tampouco uma ditadura em todas as suas características –, mas algo intermediário: onde ocorrem eleições relativamente livres e se apresentam certos níveis de liberdade individual. Porém, não há respeito a diversos outros standards democráticos. Segundo o Parlamento Europeu (2022, item 2), a Hungria deveria ser classificada como uma “autocracia eleitoral”.

9. Destaca-se relatório da Oxfam (2016, p. 2) em que apontava que o 1% mais rico da população mundial, possuía patrimônio equivalente aos 99% restante, trazendo um nível de desigualdade equivalente ao do final do século XIX: “A distância entre ricos e pobres está chegando a novos extremos. O banco Credit Suisse revelou recentemente que o 1% mais rico da população mundial acumula mais riquezas atualmente que todo o resto do mundo junto. [...] Essa é apenas a evidência mais recente de que vivemos atualmente em um mundo caracterizado por níveis de desigualdade não registrados há mais de um século”. (OXFAM, 2016, p. 2 – grifos adicionados).

cracia liberal¹⁰. Por sua vez, como bem previu Crouch (2003, p. 17), ainda nos primeiros anos do século XXI – e, portanto, uma década antes das manifestações a que se faz referência – a exclusão das massas fatidicamente faria emergir internamente ao próprio sistema liberal diversas demandas com o objetivo de alterar o formato de decisão pública com uma perspectiva mais inclusiva.

A ideia de “Democratização da Democracia” – slogan comum nas manifestações mencionadas – trazia consigo a ideia de uma ânsia de mudança do sistema e com isso a fundação de uma “nova política” diversa daquela que existia até então¹¹. A ideia era que a sociedade poderia não apenas desafiar o poder político concentrado nas elites, mas verdadeiramente criar formas mais democráticas de organização do poder. Assim, seria possível mudar todo o panorama social e institucional em uma perspectiva de democratização radical e inclusiva de amplos setores provenientes das massas e até então tidos por invisíveis¹² (Maia, 2016, p. 199; Gebardou, 2017, p. 9, 11, 234, 238).

Em outras palavras, as manifestações representavam, acima de tudo, uma disputa política no sentido de que a ideia de igualdade civil, por não ser respeitada, culminava em uma organização de poder que não só tolerava, mas verdadeiramente permitia a exclusão socioeconômica de grandes setores da sociedade (Gerbaudo, 2017, p. 78; Adorno, 2020a, p. 261 e 266). A desigualdade entre as pessoas, portanto, passou a ser vista como algo decorrente da ideia de que as políticas públicas eram organizadas por e a favor das elites econômicas que ceifavam o restante da população de poder político em um sentido bastante liberal.

10. Destaca-se relatório da Oxfam (2016, p. 2) em que apontava que o 1% mais rico da população mundial, possuía patrimônio equivalente aos 99% restante, trazendo um nível de desigualdade equivalente ao do final do século XIX: “A distância entre ricos e pobres está chegando a novos extremos. O banco Credit Suisse revelou recentemente que o 1% mais rico da população mundial acumula mais riquezas atualmente que todo o resto do mundo junto. [...] Essa é apenas a evidência mais recente de que vivemos atualmente em um mundo caracterizado por níveis de desigualdade não registrados há mais de um século”. (OXFAM, 2016, p. 2 – grifos adicionados).

11. Há uma certa repetição histórica em que uma crise econômica gera ou potencializa uma crise política. Como bem apontta Trotsky (2018, p. 201) “A crise política [que gerou movimentos de extrema direita] do país [referindo-se à Alemanha na primeira metade do século XX] desenvolveu-se sobre a base da crise econômica”.

12. Segundo Gerbaudo (2017, p. 3): “These upheavals became widely seen as moment of foundation of a ‘new politics’”.

Em outras palavras, a disputa não se dava em uma perspectiva tradicional de direita versus esquerda, mas da base social sub-representada versus o topo super-representada (Gerbaudo, 2017, p. 78/80). Criava-se, com isso, uma indignação e uma resistência das massas contra as elites (Bruff, Tansel, 2019, p. 236).

Ou seja, percebeu-se que o acesso privilegiado das elites em relação ao Estado não era algo decorrente das relações econômicas capitalistas como pensavam os marxistas clássicos. Em realidade, porém, se tratava de um reflexo de relações institucionais mal organizadas, criadoras de uma super-representatividade artificial das elites na decisão sobre os caminhos públicos e que, portanto, poderiam ser de alguma forma corrigidas através de novos modelos de organização do poder (Offe, Ronge, 1984, p. 124; Havel, 1985, p. 33; Esping-Andersen, 1991, p. 93¹³; Brunkhorst, 2010, p. 155¹⁴; Popper, 2019, p. 150¹⁵).

3.3. O Extremismo de Direita Enquanto um Fator Organizativo da Insatisfação Social

Não à toa, havia uma grande mobilização por mudanças legislativas e mesmo constitucionais com o objetivo de que houvesse maior controle social sobre a economia (Gerbaudo, 2017, p. 221), sendo o caso chileno e a demanda de 80% de sua população – de acordo com consulta popular ocorrida em 2020 – pela revogação da Constituição neoliberal de 1980, um grande exemplo dessa situação.

Via-se, portanto, uma ânsia popular de que as pessoas se tornassem membros ativos da comunidade resgatando-se a ideia de uma política em que a população teria uma maior capacidade de influência na condução dos assuntos da comunidade que faziam parte e, naturalmente, em um formato institucional muito diferente do existente até aquele momento (Gerbaudo, 2017, p. 7 e 16).

Isso, por sua vez, ensejou uma desconfiança muito grande em relação a qualquer tipo de liderança vista como algo essencialmente ultrapassado. Do mesmo modo, potencializou uma visão obsessiva e quase mítica de horizontalidade, pela qual qualquer tipo de representação e maior organização seria

13. Segundo Esping-Andersen (1991, p. 95): “a política parlamentar é capaz de sobrepor-se ao poder hegemônico e pode ser levada a servir interesses antagônicos aos do capital”.

14. Segundo Brunkhorst (2010, p. 155): “not only the administrative power of oppression and control, but at the same time the administrative power to exclude inequality with respect to individual rights, political participation, and equal access to social welfare and opportunities”.

15. Segundo Popper (2019, p. 150): “o poder político pode controlar o poder econômico”.

considerado como algo alienador e inautêntico em razão da crença da possibilidade de se criar um sistema fundado em um certo ideal neo-anarquista de uma quase absoluta autonomia ao lado de uma ideia de “*leaderless people*”¹⁶. As forças políticas hegemônicas, por sua vez, se mostraram alheias e até mesmo resistentes a essas demandas vistas como desimportante ou mesmo irreais.

Cita-se, como exemplo, os comentários do jornalista Arnaldo Jabor no Jornal da Globo de 13 de junho de 2013 em que afirmou que as grandes manifestações ocorridas nos dias anteriores na cidade de São Paulo não passavam de uma demanda da classe média que estava misturando burrice a um rancor imotivado. Para o jornalista: “A causa [das manifestações] é a ausência de causa. [...] Esses caras vivem no passado de uma ilusão”. Por fim, terminou sua análise dizendo: “Esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos”, em alusão ao valor de reajuste da passagem de ônibus e metrô na cidade de São Paulo e que deu início aos protestos (Maia, 2016, p. 199)¹⁷.

O que se via nas manifestações, por outro lado, era uma demanda por certa inventividade institucional com o objetivo de alterarem-se as instituições para que fosse permitida maior expansão da cidadania e da democracia. Queria-se a constituição de um novo momento político que superasse esse modelo democrático de baixa intensidade e isso demandava novos formatos de relações sociais e instituições que as organizassem, algo que nunca ocorreu.

16. Não à toa, era muito comum o uso da máscara de Guy Fawkes – revolucionário inglês morto por tentativa de regicídio durante a denominada “Revolta da Pólvora” no século XVII, cujo semblante ficou famoso em razão da personagem de quadrinhos criado Alan Moore e David Lloyd chamada “V” e que posteriormente inspirou o filme “V de Vingança” (2005) – por diversos participantes dessas manifestações. Muito mais importante que preservar a identidade dos participantes, o uso da máscara significava que todos ali eram iguais. Com isso, reforçava-se a ideia de horizontalidade e o repúdio a lideranças formais (Gerbaudo, 2017, p. 70).

17. De forma similar, no auge das manifestações de São Paulo, no mesmo junho de 2013, o prefeito da cidade, Fernando Haddad, e o governador do Estado, Geraldo Alckmin, cada qual representando os dois principais partidos brasileiros e adversários entre si – respectivamente o Partido dos Trabalhadores (PT), à esquerda, e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), à direita – foram filmados em Paris participando de uma festa e cantando juntos ao lado da sambista Daniela Mercury, a qual, em determinado momento diz “o PT e o PSDB estão bem, não é, gente?” (Vídeo mostra Haddad e Alckmin cantando em Paris no início dos protestos de junho, 2013). Posteriormente, ainda no mesmo mês, participaram de uma entrevista conjunta em que anunciaram a revogação do reajuste das passagens de transporte público, como se isso fosse o suficiente para aplacar os ânimos populares. Não bastasse isso, indicaram que referida revogação implicaria corte de investimentos públicos em outras áreas e ainda aproveitaram o ensejo para criticar as manifestações vistas por eles como uma violência imotivada (Magalhães, Novaes, 2013; Chaib, Azevedo, 2023).

Assim, criava-se no Brasil, como em diversos outros países, um consenso popular que todo espectro político eleitoralmente viável havia se tornado refém da ideia de continuidade de uma democracia de baixa intensidade na qual a política teria sido reduzida a uma melancólica sucessão de “passos estacionários” que apenas reforçava o status quo em favor dos poderosos. Em lugar de fator de transformação social, o modelo institucional pós-1988, se tornava um garantidor de “uma total ausência de futuro social” (Adorno, 2020a, p. 261; Vogt, 1983) em que as principais forças políticas buscavam apenas garantir que “o amanhã será como hoje, [que] hoje seja como ontem e ontem como todos os outros dias anteriores e futuros” (Vogt, 1983; Gerbaudo, 2017, p. 77, 210 e 211).

Por outro lado, a demanda por mudança continuou latente na sociedade precisava ser resolvida. Caso nada fosse feito, como sagazmente alertou Gerbaudo em 2017 (p. 247): “permanece[rá] o risco de que a crise orgânica da política neoliberal seja resolvida em uma direção regressiva e não progressiva, possivelmente inaugurando também fenômenos autoritários que se pensava terem sido remetidos para a lata de lixo da história”.

Em outros termos, caso a resposta à insatisfação institucional não fosse dada pelas forças tradicionais de até então – fossem elas de esquerda ou de direita –, se daria por meio de “comportamentos coletivos mórbidos”. Conseqüentemente, seria uma resposta sem uma perspectiva de incremento democrático, apesar da ideia motriz que deu origem a esses movimentos (Fraser, 2019; Gerbaudo, 2017, p. 16 e 24)¹⁸.

18. O mesmo processo também se deu em relação ao movimento nazifascista do passado. Sobre o assunto, Bernardo (2022, p. 19) e Mondini (2022, p. 30/31) apontam que diversos grupos políticos, especialmente de veteranos da I Guerra Mundial – os quais se tornaram peças-chave para ascensão de Mussolini – “estavam muito mais próximos de posições democráticas do que a dos nacionalistas ou dos primeiros fascistas”. Porém, em uma conjuntura de persistente “mediocridade do corpo político que deveria ter conduzido a Itália à nova ordem mundial” (Monidni, 2022, p. 24) acabou-se criando uma situação favorável para que tais grupos passassem a aderir ao movimento autoritário de Mussolini. Assim, os fascistas foram bem-sucedidos em se apresentar como um contraponto “à velha e decrepita Itália dos políticos liberais, preguiçosos e decadentes” (Monidni, 2022, p. 119) e em que Mussolini “foi chamado à necessidade histórica de os suplantar, assumindo a liderança da nação para um destino [mítico] de estabilidade e grandeza” (Monidni, 2022, p. 175). Em sentido similar, Mazower (2001, p. 35) aponta que os nazistas alemães exploraram sobremodo a incapacidade dos sistemas democráticos do entreguerras em fazer frente à pauperização e à crise social do período angariando discípulos mesmo entre aqueles que inicialmente não concordavam com suas posições extremista. Todavia, ante a constatação do fracasso das forças tradicionais em dar uma resposta aos problemas do momento, as pessoas passaram a não mais confiar na democracia em si, a qual passou a ser vista como “burguesa, indolente, materialista e incapaz de despertar a simpatia das massas, refletindo as aspirações de uma geração mais velha, cujos políticos usavam fraque e cartola”.

Fosse no Brasil (Maia, 2016, p. 206), nos EUA (Riley, 2018, p. 19/20) ou na Europa (Gerbaudo, 2017, p. 220), as correntes políticas tradicionais optaram por permanecer inertes e confiar que a baixa capacidade organizacional dos movimentos de rua logo levasse à sua dispersão como se tais movimentos fossem uma simples tempestade de verão. Com isso, considerando de um lado a falta de interesses das forças tradicionais em apresentar uma resposta para lidar com esse cenário e, de outro, a falta de capacidade organizativa interna desses próprios movimentos de rua, criou-se um ambiente propício para que referida insatisfação e ânsia social por mais democracia se tornasse uma disputa verdadeiramente inespecífica entre “povo” e quaisquer forças políticas que eram vistas até então como eleitoralmente “viáveis” e independentemente de sua orientação política (Gerbaudo, 2017, p. 220 e 243; Crouch, 2004, p. 36).

Isto é, através da ideia de “*que se vayan todos!*” – outro slogan bastante comum nas manifestações em países de língua espanhola – todas as organizações políticas tradicionais eram vistas como reprodutores de uma velha agenda alheia ao cidadão comum, reprodutora do status quo e cujas lideranças políticas eram vistas como uns “ultrapassados” ou “vendidos” (Gerbaudo, 2017, p. 82 e 212; Streeck, 2017). Logo, mais do que serem enquadrados em etiquetas de direita ou esquerda, tais movimentos poderiam ser visto como movimentos de “indignados”.

De toda forma, essa energia política bruta demandava um canal institucional para se expressar no interior do sistema e como as forças tradicionais optaram por não prover esse canal acabaram por abrir terreno para que certos movimentos extremistas sequestrassem suas pautas, direcionando-as a favor de um projeto obscuro e com fortes tendências autoritárias¹⁹ (Gerbaudo, 2017, p. 234 e 235; Riley, 2018, p. 13 e 20).

Face a este cenário, líderes como Trump, Orbán e Bolsonaro e os inicialmente pequenos grupos que lhes davam sustentação foram eficazes ao perceber que existia uma massa de pessoas que demandavam direção política e ofereceram isso a elas²⁰. A chave para compreensão do sucesso desses

19 Apesar dessas dificuldades, Gerbaudo (2017, p. 246) aponta que tiveram o efeito positivo de longo prazo de criar uma demanda por uma democracia a ser alcançada. Isto é, segundo Gerbaudo, a pretensão por mais democracia exposta nos movimentos de 2011 a 2016 continua viva até hoje.

20. Segundo Gerbaudo (2017, p. 225): “The presence of a charismatic leader has provided a way to overcome some of the issues of organizational dispersiveness and evanescence experienced by the 2011 mobilization”. De forma similar, Crouch (2004, p. 36) aponta que nesse ambiente de falta de capacidade organizacional dos cidadãos de dar vazão aos seus interesses “il fenomeno della personalità si può spiegare come risposte ad alcuni problemi della postdemocrazia stessa”. Para Riley (2018, p. 13), porém, uma personalidade autoritária por si só não seria bem-sucedida nesse ambiente, fazendo-se necessária uma organização política por detrás dela.

movimentos reside, portanto, menos em sua capacidade de oferecer um “*ligame ideológico*” e mais em oferecer um “*ligame organizativo*”²¹ a um sentimento coletivo e bastante disperso de insatisfação. Ofereceram, todavia, uma orientação de viés extremista, reacionário e contrária à democracia.

Segundo Togliatti (2010, p. 39, 53 e 54) e Riley (2018, p. 15), uma das principais chaves para compreensão do nazifascismo europeu do início do século XX seria exatamente a carência de uma unificação política de diversos grupos que, em razão de inúmeras disputas marginais entre si, se faziam de pouca relevância. Com isso, apesar de muitos interesses comuns relacionados à superação da crise dos anos 1920 e ao combate à ameaça comunista – que, diferentemente de hoje em dia, se mostrava como algo real –, não se fazia possível organizar essas demandas em uma perspectiva efetivamente mais democrática e resolutiva.

Neste aspecto, o nazifascismo foi capaz de prover certa força organizativa a esses grupos ao mesmo tempo que trouxe consigo o colapso da democracia e o extremismo político. Assim, apesar de esse não ser isso exatamente o objetivo dos grupos que lhes davam sustentação, eles acabaram aderindo a esse radicalismo em razão da percepção da total incapacidade de resposta à crise pelos meios tradicionais²².

Em outras palavras, esses movimentos populistas modernos, assim como seus congêneres do passado, perceberam de maneira muito eficaz uma forte insatisfação em que cidadãos ao redor do mundo declararam não mais suportar o fato de que o destino de suas vidas não estar em suas mãos, mas nas de uma pequena elite financeira. Como aponta Da Empoli, (2019 – grifos adicionados): “o sucesso dos nacional-populistas se mede pela capacidade de [...] captar os votos de todos os revoltados e furiosos”,²³ dando-lhes uma organização e, ainda, uma orientação que representaria uma possibilidade (ainda que irreal) de mudança.

21. Acerca do tema Lane e Sears (1966, p. 140) apontam que em momentos de grande disputa ideológica, os indivíduos passam ter muita dificuldade para se informar e, por consequência, se posicionar politicamente de forma refletida. Neste ambiente, essas “patologias do pensamento humano podem ser reduzidas pela referência grupal e filtradas através da liderança do grupo, de modo que resulte em um produto mais racional” ou melhor, mais “racionalizável”.

22. Algo que se vê, por exemplo, quando Ludwig Von Mises (2010, p. 75 e 77 – grifos adicionados), um dos mais importantes pensadores econômicos do século XX, que mesmo sendo judeu procura justificativas para a violência e o ódio antissemita praticada por nazifascistas na Alemanha e Itália nos idos de 1927: “Não se pode negar que o fascismo e movimentos semelhantes, visando ao estabelecimento de ditaduras, estejam cheios das melhores intenções e que sua intervenção, até o momento, salvou a civilização europeia. [...] Ao passar o primeiro acesso de ódio, a política por eles adotada toma um curso mais moderado e, provavelmente, será ainda mais moderado com o passar do tempo”.

23. Em sentido similar, Mondini (2022, p. 63) aponta que o sucesso político do fascismo italiano se relaciona ao “trionfo della rivolta”.

3.4. O Radicalismo De Direita Enquanto Um Anti-Projeto

Jairo Nicolau (2020), a partir de uma minuciosa análise de dados, elaborou um interessante diagnóstico das eleições presidenciais brasileiras de 2018. No seu entender, a vitória de Jair Bolsonaro não foi decorrente do engajamento de algumas franjas de radicais, mas sim da sociedade brasileira como um todo que, estando altamente frustrada com as opções políticas apresentadas – fossem de esquerda, fosse de direita²⁴ –, acabou caindo na armadilha do seu discurso²⁵.

Destaca que Bolsonaro se elegeu quebrando diversos paradigmas, como, por exemplo: um baixo volume de tempo de propaganda e recursos em sua campanha²⁷, foi o preferido entre eleitores de baixa, média e alta escolaridade, ricos ou pobres, angariando enorme força não a partir de um projeto político, mas, sim, a partir de um anti-projeto²⁸, tal como os movimentos nazifascistas do século XX que foram alçados ao poder exatamente com um discurso de “varrer as desprezadas instituições liberais” desconectadas das necessidades sociais (Mondini, 2022, p. 172).

24. De acordo com análise de Roberto Mangabeira Unger (2022): “O ciclo dos governos tucanos [referindo-se aos partidários do PSDB] e petistas foi consumido na tentativa estéril de aplacar o rentismo financeiro com gestos de pseudo-ortodoxia econômica e de pacificar os pobres com medidas compensatórias. Não qualificamos nosso aparato produtivo nem capacitamos nossa gente. O país e seu governo não empreenderam qualquer iniciativa consequente de reconstrução institucional. O Brasil afundou na estagnação e na mediocridade.”

25. Segundo a Freedom House (2019, p. 10 – grifos adicionados): “Right-wing populist candidate Jair Bolsonaro captured Brazil’s presidency after a contentious preelection period that featured disinformation campaigns and political violence. Bolsonaro’s rhetoric was steeped in disdain for democratic principles and aggressive pledges to wipe out corruption and violent crime, which resonated with a deeply frustrated electorate.”

26 “Bolsonaro teve ao seu dispor apenas nove minutos e trinta segundos (1% do tempo total), mesmo tempo de José Eymael (DC) e do Cabo Daciolo (Patriota). [...] Bolsonaro foi eleito gastando nos dois turnos um pouco mais do que muitos candidatos a deputado federal gastaram” (Nicolau, 2020, p. 23/25).

27. Trump também compartilha desse aspecto. Nesse sentido, durante a campanha presidencial de 2016 não apenas criticou sua adversária, Hillary Clinton, mas também membros importantes de seu próprio partido como o ex-senador John McCain a quem disse que ele não deveria ser considerado um herói de guerra posto que teria sido “capturado” pelo sistema, ou mesmo a família Bush, a quem qualificou como uma “coleção de mediocres” (Da Empoli, 2019; Riley, 2018, p. 27)

28. Segundo Mondini (2022, p. 164) os movimentos de extrema direita do início do século passado representavam uma “sfida mortole per lo stato di diritto”, dotados fortemente de uma perspectiva “anti-legale” e que essencialmente “agiva[no] come um ‘antistato’”.

Em outras palavras, Bolsonaro não se elegeu a partir de propostas, e sim canalizando toda a insatisfação popular em relação às forças políticas vistas como tradicionais e que estava presente nos mais diversos extratos sociais, sendo sua eleição de certa forma uma resposta à ânsia popular de “dar uma surra nesses políticos alinhavados que não sabem administrar o país” (Jesus, 2020, p. 120). Assim, antes de se apresentar como alguém “à serviço da nação”, em realidade “declarava-se ser a [própria] nação” esquecida pelos partidos hegemônicos (Mondini, 2022, p. 163).

Segundo o Nicolau (2020, p. 108):

A novidade é que além dos bairros em que os candidatos de direita tradicionalmente vencem, como Copacabana, Bolsonaro foi vitorioso nas favelas e bairros populares, áreas em que os candidatos do PT à presidência eram majoritários no segundo turno desde 2002. [...] O melhor resumo do que foi a vitória de Bolsonaro na cidade do Rio de Janeiro eu ouvi de um porteiro, que há décadas trabalha em um mesmo prédio em um bairro de classe média alta: “essa é a primeira eleição em que praticamente todos os moradores e os porteiros votaram no mesmo candidato”.

Destaca, ainda, que a campanha presidencial de Bolsonaro foi bem-sucedida ao engajar os eleitores em relação a diversos temas que tanto afligiam os brasileiros, como problemas saúde, desemprego, educação etc. Todavia, o foco sempre esteve na crítica pura e simples e carente de projetos reais. Por exemplo, cita-se o tema da segurança pública. Apesar de ter sido um dos temas centrais da sua campanha, Bolsonaro não apresentou nenhum “plano nacional de combate à violência”, mas limitava-se a “sua tradicional defesa do recrudescimento da política de segurança, com medidas que incluíam: a redução da maioria penal, a adoção da pena de morte [...] e o fim do Estatuto do Desarmamento”³⁰ (Nicolau, 2020, p. 45).

Ademais, o fato de ter sido eleito com pouco tempo de propaganda política, bem como por ter se recusado a participar de praticamente todos os debates políticos durante a campanha de 2018, mostram que Bolsonaro se tornou essencialmente “um fenômeno de opinião, mas sobre o qual eles [os eleitores] conheciam muito pouco”. Tornou-se, assim, “uma singularidade na história das eleições contemporâneas: um chefe do executivo ser eleito sem que grande parte dos eleitores

29. Novamente, registra-se “l'esaltazione delle armi come strumento risolutivo in ogni situazione della vita” (Mondini, 2022, p. 54)

sequer tenha conhecido minimamente as suas ideias” (Nicolau, 2020, p. 36 – grifos adicionados).

A ideia do engajamento não enquanto projeto, mas enquanto anti-projeto ganha força principalmente quando se verifica o fenômeno da “onda Bolsonaro” no Legislativo Federal e nos Estados, principalmente em face da sua virtual irrelevância no cenário nacional antes de 2018, da ausência de projetos de campanhas e do desconhecimento quase absoluto do eleitor em relação ao candidato. Mesmo em face desse cenário adverso, ele e seus aliados fizeram uma quantidade imensa de sufrágios sempre explorando a necessidade de “mudar tudo que está aí” e a incapacidade institucional hegemônica em dar respostas às demandas sociais do momento³⁰:

Tal movimento, tal como outros em sentido político similar, foram muito bem-sucedidos, como dito, na capacidade de articular diversas demandas caóticas da população em geral associando o conceito de “política tradicional” à de crise, e as suas próprias figuras com a de novidade e superação dela (Mazower, 2001, p. 35; Mondini, 2022, p. 22/30). Criou-se, portanto, uma sensação de impotência da política tradicional e que demandava uma resposta de alguém que fosse estranho a esse ambiente (Riley, 2018, p. 21; Mondini, 2022, p. 53)³¹, tal como nos movimentos nazifascistas clássicos³².

Uma imagem divulgada pelo jornal “Folha de São Paulo”, conforme Figura 1 a seguir mostra uma série de camisetas alusivas à Bolsonaro, ao lado de uma dizendo “foda-se o sistema” com uma imagem do Edifício do Congresso Nacional brasileiro em Brasília e de uma faixa com as palavras de ordem “o poder emana do povo” é bastante característica:

30. Segundo Nicolau (2020, p. 110): “Um dos resultados mais impressionantes produzidos pela onda bolsonarista em 2018 foi o desempenho do PSL nas eleições para a Câmara dos Deputados. Não há precedente na história das eleições brasileiras de um candidato a presidente que tenha conseguido transferir seu prestígio para tantos candidatos que disputavam outros cargos. [...] Em fevereiro de 2017, já em pré-campanha para o governo federal, ele se candidatou à presidência da Câmara. Recebeu quatro votos [...]. Quem imaginaria que, em 2018, muitas lideranças políticas estaduais, algumas com décadas de atuação, perderiam seus mandatos por conta da onda de opinião protagonizada por Bolsonaro?”

31. “Crassly ‘unpresidential’, he [Dornald Trump] won the GOP nomination precisely because he was different from the rest” (RILEY, 2018, p. 21).

32. Segundo Mondini (2022): “la penisola [italiana] se stava popolando di reduci arrabbiati, che accusavano chiunque (il governo che non faceva abbastanza, la borghesia dei ‘pescecani’ che si arricchita con le forniture all’esercito, gli imboscati rimasti in fabbrica a lavorare invece di rischiare la pelle, i propri parenti) di aver voltato le spalle ai loro diritti e ai loro bisogni: tra questi ranghi di delusi, l’idea di porte usare la forza per ottenere in qualche modo quanto spettava loro si stava facendo strada rapidamente” (p. 43).

Figura 1 – Imagem divulgada em manifestação bolsonarista em São Paulo/SP.



. Fonte: Adriano Vizoni/Folhapress

Assim como Mussolini, essas lideranças que até então representavam uma corrente política bastante marginal, passaram a apresentar um discurso de necessidade de reconhecimento do cidadão politicamente “esquecido”³³ – como, por exemplo, a população do meio-oeste estadunidense, os evangélicos brasileiros ou mesmo os veteranos da I Guerra Mundial – e com isso criaram ao seu redor uma dimensão mítica de salvadores dos verdadeiros valores da pátria corrompida pelas forças políticas hegemônicas (Mondini, 2022, p. 44/45). Com isso, criaram a imagem de si próprio e seus aliados como a de outsiders e marginais do sistema político tradicional, tal qual os seus eleitores³⁴.

Como se vê, as propostas apresentadas por tais lideranças não propunham (ou propõem) a resolução efetiva de problemas sociais, mas de algo que busca destruir as grandes forças que tradicionalmente se apresentam no jogo político democrático. Busca, pura e simplesmente destruir o passado em bloco e inaugurar o “Novo”. Neste aspecto, como o próprio Bolsonaro afirmou no início de seu

33. Segundo Cervi (2023, p. 126) pessoas em situação de insegurança tendem a perceber padrões nos espaços públicos como situações criadas para prejudicá-las individualmente. Segundo o autor “a insegurança individual [...] leva as pessoas a considerarem a plausibilidade de teorias da conspiração”, além disso gera maior “desconfiança sobre a moralidade das instituições e representantes que teriam a função de garantir a segurança dos integrantes do público” (Cervi, 2023, p. 126). Ou seja, de passar a buscar outsiders políticos capazes de “mudar tudo que está aí”

34. Um episódio do presidente americano, Donald Trump, marca bem essa situação. Em certa ocasião, ainda antes de eleito presidente pela primeira vez, foi perguntando sobre o que ele pensava dos “white trash”, expressão pejorativa em geral utilizada por setores da esquerda para se referir a homens brancos do meio-oeste americano, em geral de meia-idade, incultos, machistas e conectados a uma série de valores que não parecia mais fazer sentido nos Estados Unidos do século XXI. Ao que respondeu: “são pessoas como eu, com a diferença de que são pobres” (Da Empoli, 2019).

governo, seus principais projetos eram o de “de desconstruir” e “desfazer muitas coisas” (Marin, 2019). Porém, como não apresentava qualquer resposta viável aos problemas sociais concretos, passou a depender da exploração do absurdo para se manter politicamente relevante, e como isso passou a se comportar de forma paradoxal. Por sua vez, ao levar isso ao extremo, tem-se a possibilidade de portar a sociedade à catástrofe capaz de engolir todos, inclusive aqueles que os apoiam tal como já ocorrido no passado (Mondini, 2022, p. 12/14, 38 e 51)³⁵.

4. O PARADOXO DA VIOLÊNCIA IMPOTENTE E A CONSEQUENTE DESTRUTIVIDADE A ELE INERENTE

4.1 A Solução Final Nazista e a Pandemia de Covid-19

Para compreender a ideia da violência impotente se faz necessário resgatar um dos mais sombrios episódios da história humana, a denominada “solução final” dos nazistas colocada em prática durante os anos finais da II Guerra Mundial. Tratou-se de uma política de Estado com o objetivo de deportar para campos de concentração o maior número possível de judeus que fossem encontrados em territórios dominados pelas forças fiéis à Hitler com o objetivo de exterminá-los³⁶.

Em tal momento, e considerando o cenário de sufocamento das forças alemães pelas estadunidenses e soviéticas, a estratégia evidente seria concentrar os esforços militares na proteção da Alemanha e especialmente de Berlim com o objetivo de tentar criar um bloqueio intransponível ao núcleo duro do regime. As-

35. Segundo Mondini (2022): “I discorsi [nazifascista] aggressivi e roboanti sull’orgoglio e il destino della nazione riuscissero a mobilitare folle galvanizzate e pronte a tutto, in clima di delirio da lotta all’ultimo sangue” (p. 38). Ainda segundo o autor, os fascistas “conviti di ‘rappresentare l’Italia’ con una missione nobile e vitale da compiere, in nome della quale violare gli ordini e morire erano prezzi accettabili” (p. 51)

36. Sobre a questão, destaca-se a película “A Conferência” (2022) produzida por Matti Geschonneck que narra os desdobramentos da “Conferência de Wannsee” de 1942 em que foi definida a prioridade absoluta do governo nazista em exterminar a população judia que se encontrava em territórios administrados pela Alemanha nazista e seus estados satélites. Para além da banalidade do mal em si, é bastante interessante notar como, por exemplo, é reconhecido a urgência dessa política para além de qualquer outra como se matar judeus fosse mais importante do que até mesmo ganhar a guerra ou preservar a própria vida.

sim, seria possível tentar um armistício capaz de salvar o “coração” do regime nazista. Todavia, e de forma absurda, os nazistas optaram por desmobilizar uma porção significativa do seu poderio logístico-militar do front de batalha deslocando-o para atividades de transporte de judeus para as câmaras de gás. Ou seja, insistiu-se no extermínio do povo judeu ainda que isso viesse a significar \neg (como de fato ocorreu) a própria destruição da Alemanha Nazista (Postone, 2012, p. 16; Adorno, 2020b, p. 52).

Colocando de lado o horror do Holocausto em si, tal política se mostrou absolutamente irracional em relação ao objetivo principal de se criar um “Reich de mil anos”. Em outras palavras, a “solução final” foi essencialmente a manifestação de uma violência impotente que buscava um cenário de destrutividade (do inimigo, de si e de tudo)³⁷. Segundo Adorno, tal como Wotan na ópera de Wagner, a solução final foi um momento no qual a destruição se tornou um fim em si mesmo:

Para quem não vê nada diante de si [...] não sobra na verdade absolutamente nada, senão dizer como o Wotan de Richard Wagner: “Sabes o que Wotan quer? O fim”. A partir de sua própria situação social, ele quer a destruição. Mas ele não quer só a destruição de seu próprio grupo, ele quer, se possível, a destruição do todo. (Adorno, 2020a, p. 52)

Tentando compreender essa lógica, Adorno (2020a) aponta que esse movimento, por terem nascido e se perpetuado essencialmente como anti-projetos, se mostram notadamente incapazes de fazer frente aos desafios da modernidade e, com isso, destinados à ineficiência³⁸. Consequentemente, criavam “paradoxos” com o objetivo de garantir sua reprodução política.

Em um ambiente democrático “sadio”, o método mais claro para um grupo se perpetuar no poder seria através da produção de resultados tangíveis à sociedade por meio de políticas públicas. Com elas, a população viria a importância desse grupo e lhe confiaria poder político através de eleições. Todavia, sendo objetivamente incapazes de produzir resultados, esses movimentos radicais criam um inventivo método

37. Outros autores, mesmo sem utilizar referidos termos chegam a conclusões similares: “After the war, it seemed to most people that German fascism as well as its other European and Asian variants were bound to self-destruction” (Fukuyama, 1989, p. 9 – grifos adicionados).

38. Mondini (2022, p. 12) chega a conclusão similar: “La ditadura [fascista] che si sarebbe rapidamente affermata dopo quella data [outubro de 1922] aveva promesso grandezza e prestigio, orgoglio e destini imperiali, anche se alla fine avrebbe portato soprattutto repressione, molte carceri, tanta ambizione e una guerra rovinosamente perduta (un lasciato quantomeno bizzarro per un regime che si era impegnato a fare dell’Italia una grande potenza)”.

de reprodução política que se dá através de símbolos e da criação de inimigos míticos com o objetivo de expiar sua ineficiência. Por sua vez, tornam-se tão paranoicos com a possibilidade de suas incapacidades serem desmascaradas que estão dispostos a qualquer medida com o objetivo de manter a narrativa que eles próprios criaram, ainda que isso signifique a máxima de Wotan. Seria inerente, portanto, a tais movimentos políticos a criação de espirais de destruição capazes de sugar tudo ao seu redor.

Em menor grau, mas correlacionado a esse paradoxo, o mesmo ocorreu durante a gestão fracassada da pandemia de Covid-19, especialmente no governo Bolsonaro no Brasil e Trump nos EUA. Entre elas, destaca-se a promoção de “tratamento precoce”³⁹, a promoção de aglomerações no contexto de disseminação de uma doença respiratória altamente transmissível, ou mesmo a criação de embustes amalucados para que as pessoas não fizessem uso de medidas profiláticas eficazes contra a doença⁴⁰. Com isso, o número astronômico de mortes nesses países em comparação com outros não seria decorrente da ineficiência administrativas desses grupos radicais, mas porque algumas pessoas “fraquejaram” diante de uma “gripezinha”⁴¹. Ou seja, expiou-se a culpa pelo fracasso.

4.2 A Propaganda enquanto Fim em Si Mesmo

Esse método inventivo de reprodução política, decorre de uma quebra em torno da relação entre meios e fins a partir da manipulação da opinião pública através do uso da mentira e da criação de inimigos imaginários. Meios deveriam,

39. O “Kit Covid”, também designado como tratamento precoce, era uma denominação que se tornou popular no Brasil e usada para indicar uma série de medicamentos utilizados contra a COVID-19 de maneira profilática ou terapêutica, mas sem qualquer eficácia. Dentre os diversos medicamentos que compuseram tal kit, destacou-se alguns a cloroquina e a hidroxicloroquina, medicamentos usados para tratamento da malária, bem como a ivermectina, usada para tratamento de piolhos e sarna. Em diversas ocasiões, Jair Bolsonaro sugeriu o uso de referidas medicações ineficazes com o objetivo de controlar a pandemia e também viabilizar o fim de medidas de distanciamento social.

40. Por exemplo, dizendo que os “vacinação [contra a Covid] estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida [Aids]” (Bolsonaro apud. Rocha, 2021). Ou, ainda, sugerindo o uso de injeções de desinfetante para o tratamento de Covid para “combater o vírus” e “limpar os pulmões de doentes” (Trump sugere tratar coronavírus com “injeção de desinfetante” ou com luz solar, 2020).

41. Em sentido similar, tem-se situação parecida quando Donald Trump desafia a ideia de aquecimento global enquanto um embuste “criado pela e para China com o objetivo de tornar a indústria estadunidense não competitiva” (Cheung, 2020). Em outras palavras, assume o risco da destruição total com o objetivo de justificar sua inapetência para criar soluções econômicas reais em um momento de grave mudança climática.

do ponto de vista de uma realidade minimamente pacificada, estar sempre subordinados a fins racionalmente superiores. Uma questão que salta às vistas, por outro lado, é que nesses movimentos os meios passam a se sobrepor aos fins. Ou seja, o instrumental adquire uma relevância maior do que o ponto de chegada do processo.

Especificamente, a propaganda política em uma democracia deveria servir a um projeto de apresentação de ideias e propostas para os eleitores em uma perspectiva de melhoria geral, ainda que partindo de pontos de vistas diferentes (Havel, 1985, p. 52/53). Para esses movimentos, todavia, a propaganda e o engajamento (especialmente a partir das redes sociais) é o objetivo final sempre, tornando-se pouco relevante a apresentação ou discussão de projetos em si.

Com isso, é possível compreender a declaração do primeiro ministro da Educação do governo Bolsonaro, Ricardo Vélez Rodríguez, ao afirmar que “ele [Jair Bolsonaro] é um sujeito muito desarmado em termos de doutrinação ou ideologia” e “em geral ele não tem uma teoria a partir da qual interprete o mundo”⁴². Em outras palavras, por ser baseado em uma práxis sem conceito, já que a teorização de Bolsonaro e outros movimentos radicais congêneres é quase inexistente (Finchelstein, 2019, p. 58⁴³) permite-se uma grande plasticidade para se adequar a diversos contextos sociais aparentemente muito diversos – como EUA, Brasil, Hungria etc. (Bernardo, 2022, p. 9⁴⁴).

Por consequência, a sua substância não está em uma teoria organizada, mas no seu meio de propagação. Ou seja, sua essência reside nesse processo de “venda” de projetos míticos e grandiosos – a ideia de “mudar tudo que está aí” –, mas que em razão das suas características erráticas e da ausência de projetos organizados⁴⁵ são obviamente impossíveis de serem alcançados.

Como aponta Jairo Nicolau (2020, p. 36, 45, 110), a ascensão especialmente de Bolsonaro se deu em um contexto de ausência de projetos, de uma campanha que não desejava expor o pensamento dele, mas verdadeiramente manter desconhecido tanto o seu pensamento quanto a sua história em relação ao eleitor. Afinal, caso fosse

42. Entrevista concedida em 2022 por Ricardo Vélez Rodríguez ao jornalista Rodrigo Vizeu no Podcast “Passado a Quente”, a partir do minuto 10:15. Inteiro teor disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1CXvHglEzQcCCPZAS11LA>. Acesso em 10 nov. 2024.

43. “Benito Mussolini alegava que apenas ideologias decadentes e antiquadas tinham um conjunto de conhecimento fechado. Para Mussolini, as ideias eram úteis quando tinham um valor prático, isto é, quando confirmavam as suas intuições confusas sobre a regeneração social [...]. Em suma, para o criador do fascismo, as ideias eram úteis quando legitimavam objetivos políticos de curto prazo” (Finchelstein, 2019, p. 58).

44. “O fascismo é essencialmente plástico. Por isso não é fundado de forma definitiva e deve periodicamente ser gerado de novo” (Bernardo, 2022, p. 9)

conhecido, fatidicamente iriam perceber que Bolsonaro não era uma alternativa tão “antissistema” como dizia ser. Era um deputado havia vários mandatos, membro do denominado “baixo clero”, envolvido em casos de mal-uso de dinheiro público e com atuação congressual bastante apagada⁴⁶.

Em outras palavras, a proposta de Bolsonaro (assim como Trump, Orban etc.) sempre foi não apresentar nenhuma proposta. De permanecer enquanto anti-projeto, enquanto uma simples negação da política dominantes, do sistema institucional do próprio Estado (Mondini, 2022, p. 13, 164 e 221). Era a propaganda pela propaganda:

O que é característico desses movimentos é muito mais uma extraordinária perfeição dos meios, a saber, uma perfeição em primeiro lugar dos meios propagandísticos [...] A propaganda é genial, sobretudo pelo fato de que nesses partidos e movimentos, ela nivela a diferença inquestionável entre os interesses gerais [meios reais] e os falsos objetivos simulados [i.é, meios alçados a fins]. (Adorno, 2020b, p. 54)

Por outro lado, há uma enorme crise quando essas forças ascendem ao poder e passam transferir o aspecto de sua impotência para inimigos imaginários que supostamente representariam forças de um regime anterior que impossibilitariam que esses líderes reacionários cumpram com suas missões. O objetivo, como dito, é o de tornar essa administração pública absolutamente falha em algo politicamente administrável (Mondini, 2022, p. 155).

Cita-se, como exemplo recorrente dessa situação, a criação de um “socio-comunismo” mítico completamente descolado da realidade, mas cujo uso permite que tudo aquilo que de alguma forma não convém ao movimento seja subsumido a esse conceito elástico e seja consequentemente rechaçado enquanto socialista (Adorno, 2020b, p. 60, Cervi, 2023, p. 140 e seguintes). Com isso, a evidente falha desses projetos políticos em fazer frente aos desafios da modernidade se tornam decorrentes de um imaginário “complô” internacional ou de forças de esquerdas contra seus governos⁴⁷.

46. Segundo Gielow (2022): “Sua produção legislativa em 28 anos se resumiu a um projeto convertido em lei, versando sobre prorrogação de benefícios fiscais para o setor de informática em 2001. [...] Bolsonaro foi um típico deputado do baixo clero, jargão para aqueles parlamentares que não se destacam e acabam sendo massa de manobra dos grandes blocos partidários”.

47. De maneira caricata cita-se, por exemplo, o episódio de quando o ex-ministro do Meio Ambiente do governo Bolsonaro, Ricardo Salles, foi expulso do Partido Novo – agremiação política com uma clara perspectiva de direita – em meados de 2020. Ao que se alegou, a expulsão de Salles do partido se deu em razão de suas “condutas divergentes com os programas do Partido Novo no tema ambiental, demitindo profissionais qualificados, desdenhando de dados científicos e revogando políticas públicas sem debate prévio” - Conforme exposto pelo deputado do partido, Chicão Bulhões, em sua página na rede social X (<https://x.com/chicaobulhoes/status/1165663610661670912>, acesso em 06/11/2024) Para Bolsonaro e Salles, porém, tal expulsão teria se dado pelas tendências socialistas do então presidente do partido, o banqueiro João Amoêdo, cuja visão supostamente se contrapunha às suas de brasileiros conservadores e patriotas (Direção [...], 2020).

Para Svobik (2019), esses movimentos radicais, por centrarem-se na propaganda pela propaganda, são muito eficazes em distorcer a realidade e a disputa política, transformando-a em questões morais ou religiosas. Eleva-se, portanto, a “dimensão estética” da política a níveis socialmente patológicos, a ponto de que mesmo aquele eleitor que diz entender ser melhor viver em uma democracia do que em uma ditadura, irá aceitar comportamentos à margem da institucionalidade democrática se for convencido de que seus valores mais fundamentais estão em jogo (Lane; Sears, 1966, p. 113/114 e 137).

Permite-se com isso criar-se embustes fundados, por exemplo, em uma “pauta dos costumes” e, com isso, obscurecer a real origem dos problemas sociais, direcionando-os a certos bodes expiatórios, usualmente oriundos de minorias políticas. Sobre o tema, vejam-se as palavras de Viktor Orbán ao apontar como sendo um dos maiores desafios políticos da Hungria em 2022 o enfretamento da imigração e da miscigenação entre europeus e não-europeus⁴⁹.

Além disso, referido líder populista aponta a necessidade de uma luta contra as questões de gênero decorrente de uma suposta corrupção da infância causada pelas relações afetivas não heterossexuais: “não queremos dizer-lhes como devem viver; estamos apenas pedindo que aceitem que em nosso país pai é homem e mãe é mulher, e que deixem nossos filhos em paz” (Orbán, 2022). E conclui de forma quase caricata que essas questões seriam nada menos que os maiores desafios que a humanidade deveria enfrentar na terceira década do século XXI:

Há uma guerra, uma crise de energia, uma crise econômica e uma inflação de guerra, e tudo isso está criando um bloqueio diante de nossos olhos, um bloqueio entre nós e a questão de gênero e migração. Mas, na verdade, é sobre essas questões que o futuro será decidido. Esta é a grande batalha histórica que estamos travando: demografia, migração e gênero. [...] Não nos deixemos enganar pelos conflitos atuais: essas são as questões que decidirão nosso futuro (Orbán, 2022 – grifos adicionados)–.

Segundo o líder populista, portanto, questões como as guerras na Ucrânia e na Palestina, a inflação, a crise energética e econômica, ou mesmo a pobreza crescente no mundo, seriam mera cortina de fumaça para os “grandes” desafios a se-

49. Conforme sua linha argumentativa, este seria o “problema” que estaria levando a Hungria ao seu colapso enquanto nação: “Esses países [onde os povos europeus e não europeus vivem juntos] não são mais nações: não são mais do que um conglomerado de povos. [...] Não queremos nos tornar povos mestiços. É por isso que lutamos em Nándorfehérvár, é por isso que paramos os turcos em Viena” (Orbán, 2022).

rem enfrentados na atualidade: a presença de imigrantes e não-cristãos no Norte-Global, bem como a orientação sexual das pessoas.

Em outras palavras, para que toda a agressividade social contra esses governos ineficientes não se volte contra a organização que gerou esse mal-estar, manipula-se o discurso com uso de mecanismos de interação de redes sociais de modo que essa agressividade seja socialmente administrada e desviada para certos objetos construídos como frágeis e os grupos políticos mais próximos a eles. Logo, toda aquela aflição produzida pelo próprio movimento extremista em detrimento de se voltar contra ele próprio é paradoxalmente desviada para certos “alvos fáceis” (Adorno, 2020b, p. 70).

Com isso, e refêns dessa lógica para sua reprodução política, tais movimentos passam a ser dotados da carga de destrutividade há pouco apontada. A destruição desses bodes expiatórios passa a ser o objetivo total desses movimentos, já que a única forma de expiar sua inapetência, ainda que isso signifique o seu próprio colapso e de tudo e todos ao seu redor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão dos movimentos de 2011 a 2016 de organizar politicamente os desorganizados para, com isso, permitir maior participação política e recompor os bilhões de caóticos átomos individuais em moléculas organizadas nunca ocorreu. Da mesma maneira, a ideia de “tomar as instituições”, transformando-as radicalmente a partir do momento que fossem abertas ao cidadão comum também foi esquecida (Gerbaudo, 2017, p. 23). O que se viu, em realidade, foi a apropriação desse discurso por aquilo que pode ser entendido como fenômenos políticos mórbidos (Fraser, 2019).

Não à toa, Steve Bannon, estrategista-chefe da primeira campanha vitoriosa de Donald Trump à Casa Branca em 2016, costuma apontar o “Partido de Davos” como o “inimigo número um” de Donald Trump, Geórgia Meloni, Jair Bolsonaro e outros líderes radicais de direita. Estes, segundo Bannon “são antielite, são particularmente antielite financeira, antibanco central, anti-Wall Street, anticorporações globais” e que jun-

tos formariam uma espécie de “Internacional Nacionalista”⁵⁰ cuja continuidade depende, de toda maneira, “da revolta dos povos que querem recuperar o poder das mãos das elites globais que o roubaram” (Sanches, 2022; Molinari, 2018; Da Empoli, 2019; Riley, 2018, p. 5, 6 e 22).

O cidadão indignado, por sua vez, segundo Lane e Sears (1966, p. 126), frequentemente tem sua cognição moldada a serviço de uma impulsividade emocional⁵¹. Nesse cenário, a informação passa a sofrer de um certo “curto-circuito” e instrumentalizadas para racionalizar sua indignação. Em outras palavras, a informação deixa de ser um canal para chegar à conclusão e se torna um instrumento para justificar sua compreensão de “indignado”. Com isso, deixa de agir racionalmente, e se torna preza fácil de discursos baseados no absurdo.

De forma muito interessante, o periódico “A Folha de S. Paulo” apresentou uma análise do perfil de algumas das pessoas envolvidas na tentativa de golpe de estado ocorrida em Brasília em janeiro de 2023. Dentre elas, destaca-se Aécio Costa Pereira, técnico concursado por quase 30 anos da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP), sem qualquer problema funcional em todo esse período - um “funcionário exemplar”, segundo seus colegas - e visto por familiares como um esposo amoroso e um pai presente. Todavia, converteu-se em um indignado radical em meados da década de 2010.

Segundo o relato de um colega de trabalho: “Uma vez estávamos no carro, ele estava dirigindo e tentando me convencer de que a Terra era plana, a sério. Ficou

Segundo Zselyke Csaky (2022, p. 1) para além da difusão de governos “ilberais” pelo globo “antidemocratic politicians are also sharing practices and learning from one another, accelerating the turn toward [antidemocratic] alternatives”. Assim, tal como o projeto de Vladimir Lênin de fundar uma organização internacional de partidos comunistas do mundo – a assim conhecida “Internacional Comunista” – com o objetivo de trocar ideias e experiências buscando a afirmação comunista em nível mundial, Steve Bannon e seus seguidores criaram essa “Internacional Nacionalista” com objetivo similar, porém relacionado à afirmação do populismo extremado de direita.

Em uma outra proposta de análise, Cervi (2023, p. 110 e seguintes) aponta que as disputas tradicionais do século XIX e XX entre capitalistas e trabalhadores, ricos e pobres, ou regiões centrais e periféricas já não explicam adequadamente os conflitos atuais, que agora se concentram em embates radicais entre majorias e minorias identitárias. Os conflitos baseados em identidade são mais intensos que os materiais porque as minorias identitárias não podem mudar de grupo sem abandonar suas origens, ao contrário das classes sociais em que, ao menos em tese, seria possível ascender materialmente. Todavia, integrantes de minorias identitárias não podem mudar sua condição sem negar sua identidade, tornando esses conflitos mais radicais. Logo, ainda segundo o autor, disputas materiais tendem a ser menos explosivas que disputas identitárias e, por consequência, favorecem o radicalismo político e comportamentos absurdos que se tornaram tão comuns na atualidade.

tão exaltado por eu ter contestado que bateu o carro”. Segundo outro relato: “[ele] me mandou uma mensagem de madrugada dizendo que Hillary Clinton era um holograma. Acreditava na tese dos reptilianos [alienígenas que se apossam de corpos humanos e assumem suas identidades]. [Ele] estava vivendo num mundo de teses conspiratórias”. Em suma, tratava-se de uma pessoa normal que de repente se tornou um fanático deslocado da realidade⁵² (Victor, 2023).

Obviamente, nem todos cairão nessas falácias, mas em momentos de crise as condições para que o maior número de cidadãos o faça é criada e o radicalismo político com todos os paradoxos a ele inerente pode deixar as margens da política e se tornar politicamente relevante (Trotsky, 2018, p. 221; Cervi, 2023, p. 127⁵³). Tem-se,

52. Ilustrativo dessa paranoia, em relação ao radicalismo de direita da primeira metade do século XX, famosa imagem de propaganda nazista consistente de uma ilustração que mostrava ao alto a caricatura de um judeu com face sinistra, retratado como um aparente mestre de marionetes controlando duas imagens junto aos dizeres “juden komplott” (“complô judaico”). Abaixo dele à esquerda e sobre o mapa da Grã-Bretanha controlava John Bull, um homem com um traje de montaria vermelho e branco, símbolo da Inglaterra e em representação da burguesia. Ele, por sua vez, tem um braço alongado e uma mão grande que se une a uma mão semelhante e a um braço que se estende a de um outro homem à direita, na região do mapa em que ficava a antiga União Soviética. Este homem, também controlado, é uma aparente caricatura de Joseph Stalin em uniforme militar com boné estrelado e em representação ao proletariado. Abaixo da imagem se encontram em alemão os dizeres “Gegen Europa”, em vernáculo: “Contra a Europa”:

Figura 2. Propaganda política divulgada em 1942 na Alemanha e em outros países ocupados pelas forças nazistas.



Fonte: Imperial War Museum

53. Segundo Cervi (2023, p. 127): “As condições estruturais para o debate público no século XXI, seja do ponto de vista individual, seja coletivo e das estruturas para produção e circulação de conteúdos, favorece um comportamento [...] extremado e radical. Nessas condições, o debatedor comum, moderado, tende a sofrer um apagamento”. Por consequência: “como pessoas com posições radicais são as que têm estrutura de pensamento sobre temas públicos mais fortes (seja por experiência pessoal, seja por consistência ideológica), elas tendem a dar sentido específico a eventos sociais”.

portanto, um fenômeno irracional em que tudo passa a ser visto na perspectiva de um grande complô de forças que, embora opostas, estariam voltadas para arruinar as massas. Todavia, sempre incapazes de corrigir as reais razões para esses problemas: uma má organização institucional e dos meios de produção (Trotsky, 2018, p. 230).

Os pressupostos sociais da irracionalidade fascista sempre estão ali e prontos para serem encaminhados politicamente nos momentos mais adequados (Cervi, 2023, p. 139)⁵⁴. E a ausência de alternativa institucional é um dos seus aspectos essenciais. Logo, a atual sociedade se mostra diante de desafios em relação aos quais não bastam apenas reformas dentro da atual lógica de organização de poder, mas em realidade novas formas de organizá-lo e que permitam enfrentamento dos problemas quotidianos cada vez mais complexos e incompatíveis com a lógica do modelo institucional contemporâneo. Por sua vez, nesse momento de interregno⁵⁵, esses movimentos mórbidos florescem (Mascaro, 2013, p. 32).

Assim, ante a inércia das forças políticas tidas como tradicionais em fazer frente a essa demanda, acabou-se por permitir que toda a força em estado bruto dos movimentos de ruas fosse sendo canalizada por certos grupos que viam nessa desorganização uma oportunidade de dar vazão a projetos políticos autoritários, “seguindo[-se] a lógica do ‘sauve qui peut’ (‘salve-se quem puder’)” (Offe, 1984, p. 383). Mussolini e Hitler, tal como Bolsonaro, Trump e Orbán, foram muito bem-sucedidos na proposta de oferecer uma coesão e direcionar toda essa força política insatisfeita na direção de um projeto político de viés pouco (ou nada) democrático.

Esse radicalismo, segundo o que aqui se defende, pode ser visto

54. Cervi (2023, p. 139) entende o “bolsonarismo” como um movimento político que consolidou valores, crenças e comportamentos que sempre estiveram presentes na sociedade brasileira, embora de forma dispersa. Essas ideias, que incluem visões de mundo racistas, machistas, homofóbicas, xenófobas e aporofóbicas, foram reorganizadas e transformadas em um comportamento político claro e estruturado, ganhando força a partir das eleições de 2018. Segundo o autor, apesar de o comportamento bolsonarista não ser algo novo no debate público brasileiro, o que é inédito é sua transformação em um movimento político organizado, com lideranças, bandeiras ideológicas e um discurso articulado no cenário político

55. Segundo Streeck (2017): “Um interregno, como o entendia Gramsci, designa um período de extrema insegurança, no qual perdem validade os costumeiros nexos causais e a todo momento podem ocorrer coisas inesperadas, perigosas, grotescamente fora dos padrões, até porque, nele, desenvolvimentos disparatados caminham lado a lado, inconciliáveis, resultando frequentemente em configurações instáveis e dando ensejo a cadeias inesperadas de acontecimentos, em vez de estruturas previsíveis”.

como consequência de uma situação de incapacidade de resposta institucional às atuais demandas sociais, a qual é muito difícil de ser superada. Porém, a conjuntura trazida especialmente pela pandemia do Coronavírus, a questão ambiental e a crise econômica associadas a esses eventos impõe perceber as incapacidades fáticas desse radicalismo que parecem “cada vez mais incapazes de dar respostas aos problemas de massas heterogêneas” (Mondini, 2022, p. 192).

Embora tenham sofrido derrotas recentes - como no caso do Brasil em 2022 e dos Estados Unidos em 2020, onde a gestão da pandemia expôs suas falhas -, esses movimentos ainda não foram completamente marginalizados e, em realidade, estão em vias de voltar ao poder como se dá com a recente eleição de Donald Trump nos EUA (Cervi, 2023, p. 145). O risco, portanto, permanece: o de provocar novas crises sociais seja em uma perspectiva semelhante à da Pandemia de Covid-19, seja em um aspecto mais grave, como a II-Guerra Mundial, ou ainda pior e aí com consequência mais intensas e imprevisíveis.

De todo forma, apesar de não ter alcançado o objetivo inicial de verdadeiramente “democratizar a democracia”, pode-se dizer que os movimentos de 2011 a 2016 foram bem-sucedidos em consolidar uma demanda pela repolitização das decisões públicas (Gerbaudo, 2017, p. 246). Assim, ao menos a pretensão de alteração de um sistema de organização política que é visto como voltado para reprodução de uma pequena casta privilegiada pode ser vista como uma vitória.

Em outras palavras, a demanda por mais democracia exposta nos movimentos de 2011 a 2016, apesar de ter sido sequestrada por uma agenda reacionária, continua latente até hoje. Cumpre-se resolver essa questão e apresentar projetos reais para solução dessa demanda, sob pena de os paradoxos apontados nesse texto continuarem, bem como os riscos desses movimentos políticos radicais de sugarem e destruírem tudo e todos ao seu redor como já ocorrido no passado.

6. REFERÊNCIAS

6.1. CIENTÍFICAS

ADORNO, Theodor. Reflexões sobre a Teoria de Classes. Trad. Eduardo Altheman. In **Revista Crítica Marxista**. n. 50, 2020a, p. 259-273.

ADORNO, Theodor. **Aspectos do Novo Radicalismo de Direita**. Trad. Felipe Catalini. São Paulo: Ed. Unesp. 2020b.

ALBERTINI, Luigi, **L'Appello al Paese**. In **Corriere della Sera**, 8 abr. 1921. Recuperado de: www.corriere.it. Acesso em 11/11/2024.

BAQUERO, Marcello; RANINCHESKI, Sônia & CASTRO, Henrique Carlos. A Formação Política do Brasil e o Processo de Democracia Inercial. In **Revista Debates**, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2018, p. 87/106.

BERNARDO, João. **Ainda Não Sabiam que Eram Fascistas**. Amadora: Ed. Libertária, 2022.

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia: uma defesa das regras do jogo**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.

BOLSONARO, Jair. **Discurso de Abertura da 77ª Assembleia Geral da ONU**. Nova Iorque, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/veja-a-integra-do-discurso-de-jair-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu/>. Acesso em 11/11/2024.

BRUFF, Ian; TANSEL, Cemal Burak. **Authoritarian Neoliberalism: trajectories of knowledge production and praxis**. In *Globalizations*, v. 16, n. 3, 2019, p. 233-244.

BRUNKHORST, Hauke. Democracy under Pressure: The return of the Dialectic of Enlightenment in the world society. In **Revista Civitas**, v. 10, n.1, jan.-abr. 2010, p. 153-171.

BUYON, Noah. **Managing Expectations About Breakthrough Elections**. In FREEDOM HOUSE (org.), *Nations in Transit 2021: the antidemocratic turn*. Washington, 2022, p. 7-9.

CERVI, Emerson Urizzi, **Democracia e Opinião Pública no Século XXI**: das promessas não cumpridas pela universalização de participação à disfuncionalidade das instituições políticas para os novos públicos. São Paulo: Ed. 70, 2023.

CROUCH, Colin. **Postdemocrazia**. Trad. Cristina Paternò. Roma: Ed. Laterza, 2003.
DA EMPOLI, Giuliano. **Os Engenheiros do Caos**: como as fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar as eleições. Trad. Arnaldo Bloch. São Paulo: Ed. Vestígio, 2020, versão para e-book.

DAHL, Robert. **Sobre a Democracia**. Tradução de Beatriz Sidou. Brasília: UNB, 2001.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. **As Três Economias Políticas do Welfare State**. Trad. Dinah de Abreu de Azevedo. In Revista Lua Nova. n. 24, set. 1991, p. 85/116.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do Fascismo ao Populismo na História**, trad. Jaime Araújo. São Paulo: Ed. 70, 2019.

FRASER, Nancy. **O Velho Está Morrendo e o Novo não Pode Nascer**. Trad. Gabriel Landi Fazzio. São Paulo: Ed. Autonomía Literária, 2019 – versão em ebook.

FREEDOM HOUSE. **Freedom in the World** — 2024. Washington, 2024a.

FREEDOM HOUSE. **Report by countries: Brazil** — 2024. Washington, 2024b.

FREEDOM HOUSE. **Freedom on The Net** – 2021. Washington, 2021

FREEDOM HOUSE. **Freedom in the World** — 2019. Washington, 2019.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History? In The National Interest Review**. Summer, 1989, p. 3-18.

GERBAUDO, Paolo. **The Mask and The Flag: populism, citizenism and global protest**. New York: Oxford University Press, 2017.

GIELOW, Igor. **Bolsonaro foi militar indisciplinado e passou das franjas do**

baixo clero à Presidência. In A Folha de S. Paulo, 26 set. 2022. Recuperado de: www.folha.uol.com.br. Acesso em 27/11/2024.

HAVEL, Vaclav. The Power of the Powerless, trans. Paul Wilson. In International Journal of Politics, v. 15, n. 3, 1985, p. 23-96.

HUNTINGTON, Samuel. A Terceira Onda: a democratização no final do século XX. Trad. Sérgio Goes de Paula, São Paulo: Ed. Ática, 1994.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. SP: Ed. Ática, 2020.

LANE, Robert; SEARS, David. A Opinião Pública. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1966.

LÜHRMANN, Anna; LINDBERG, Staffan. A Third Wave of Autocratization is Here: what is new about it? In Democratization, n. 7, v. 26, 2019, p. 1095-1113.

LYNCH, Christian Edward Cyril. A Utopia Reacionária do Governo Bolsonaro (2018-2020). In Revista Insight Inteligência. Edição 89, abr.-jun./2020. p. 21/40.

MAIA, Maira Carneiro Bittencourt. O Príncipe Digital: Estruturas de poder, liderança e hegemonia nas redes sociais. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MASCARO, Alysso Leandro. Estado e Forma Política. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAZOWER, Mark. Continente Sombrio: a Europa do século XX. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

NICOLAU, Jairo. O Brasil Dobrou à Direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2020.

MISES, Ludwig Von. Liberalismo: segundo a tradição clássica. Trad. Haydn Coutinho Pimenta. 2ª ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2010.

MONDINI, Marco. Roma 1922: il fascismo e la guerra mai finita. Bologna: Ed. Il Mulino, 2022.

OFFE, Claus. A Democracia Partidária Competitiva e o “Welfare State” Keynesiano. In Problemas Estruturais do Estado Capitalista. Trad. Bárbara Freitag. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1984, p. 356-386.

OFFE, Claus & RONGE, Volker. Teses sobre a Fundamentação do Conceito de ‘Estado Capitalista’ e sobre a Pesquisa Política de Orientação Materialista. In Problemas Estruturais do Estado Capitalista. Trad. Bárbara Freitag. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1984, p. 122-137

ORBÁN, Viktor. Speech by Prime Minister Viktor Orbán at the 25th Bálványos Summer Free University and Student Camp. Speeches and Remarks, Tusnádfürdő, 30 jul. 2014. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-25th-balvanyos-summer-free-university-and-student-camp>. Acesso em 11/11/2024.

ORBÁN, Viktor. Speech by Prime Minister Viktor Orbán at the 31st Bálványos Summer Free University and Student Camp. Speeches and Remarks, Tusnádfürdő, 23 jul. 2022. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/speech-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-31-st-balvanyos-summer-free-university-and-student-camp>. Acesso em 11/11/2024.

OXFAM, Uma Economia para os 1%. São Paulo, 2016. Disponível em https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/file_attachments/bp210-economy-one-percent-tax-havens-180116-pt.pdf. Acesso em 11/11/2024.

PARLAMENTO EUROPEU, Resolução de 15 de setembro de 2022. Estrasburgo, 15 set. 2022. Disponível em: https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2022-0324_PT.html. Acesso em 11/11/2024.

PILAGALLO, Oscar. A história do Brasil no século 20: 1960-1980. 2. ed. SP: Ed. Publifolha, 2009.

POPPER, Karl. A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos. Volume II: Hegel e Marx. Trad. Miguel Ferreira da Costa. Lisboa: Ed. Edições 70, 2019.

POSTONE, Moishe. Antissemitismo e Nacional-Socialismo. Trad. Nuno Miguel Machado. In Revista Sinal de Menos. N. 8, fev. 2012. p. 14/28.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma Revolução Democrática da Justiça. 3. Ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

RILEY, Dylan. What is Trump? In New Left Review, n. 114, Nov.-Dez. 2018, p. 5-31.

SENADO FEDERAL, Relatório Final da CPI da Pandemia. Brasília, 26 out. 2021.

STREECK, Wolfgang. O Retorno do Recalcado: O começo do fim do capitalismo neoliberal. In Revista Piauí. Edição 135, dez./2017. Recuperado de: <https://piaui.folha.uol.com.br/>. Acesso em 11/11/2024.

SVOLIK, Milan. Polarization versus Democracy. In Journal of Democracy, vol. 30, n. 3, jul. 2019, p. 20-32.

TOGLIATTI, Palmiro. Corso sugli Avversari: Le lezioni sul fascismo. Torino: Ed. Giulio Einaudi, 2010.

TROTSKY, Leon. Como Esmagar o Fascismo. Trad. Aldo Sauda e Mario Pedrosa. São Paulo: Ed. Autonomia Literária, 2019.

UNGER, Roberto Mangabeira. Como Votar em 30 de Outubro? In A Folha de S. Paulo, 02 out. 2022. Recuperado de: www.folha.uol.com.br. Acesso em 11/11/2024.

VOGT, Carlos Alberto. Trabalho, Pobreza e Trabalho Intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 204-213.

6.2 Jornalísticas

BETIM, Felipe. Paulo Guedes repete ameaça de AI-5 e reforça investida radical do

Governo Bolsonaro. In El País, 26 nov. 2019. Recuperado de: www.brasil.elpais.com. Acesso em 11/11/2024.

CHAIB, Julia; AZEVEDO, Victoria. Junho de 2013 selou união de Haddad e Alckmin. In A Folha de S. Paulo, 29 mai. 2023. São Paulo. Recuperado de: www1.folha.uol.com.br. Acesso em 11/11/2024.

CHEUNG, Helier. What does Trump Actually Believe on Climate Change. In BBC US & Canada, 23 jan. 2020. Recuperado de: www.bbc.com. Acesso em 11/11/2024.

DIREÇÃO do Novo tem visão de centro esquerda disfarçada de liberalismo, diz Salles. In CNN Brasil, 07 mai. 2020. Acesso em 11/11/2024.

MAGALHÃES, Vagner; NOVAES, Marina. Haddad e Alckmin anunciam redução das tarifas para R\$ 3 em SP. In Terra, 19 jun. 2013. Recuperado de: www.terra.com.br. Acesso em 11/11/2024.

MARIN, Denise. “Temos de desconstruir muita coisa”, diz Bolsonaro a americanos de direita. In Revista Veja, 18 mar. 2019. Recuperado de: www.veja.abril.com.br. Acesso em 11/11/2024.

MOLINARI, Paolo. “Popoli, sollevatevi contro le élite”. In Agenzia Giornalistica Italiana, 23 set. 2018. Recuperado de: www.agi.it. Acesso em 11/11/2024

ROCHA, Marcelo. Moraes abre inquérito contra Bolsonaro por associar Aids a vacina contra Covid. In A Folha de S. Paulo, 03 dez. 2021. Recuperado de: www.folha.uol.com.br, acesso em 11/11/2024.

SANCHES, Mariana. Steve Bannon: Estrategista de Trump e aliado de Bolsonaro se diz ‘fascinado’ por Lula. In UOL, 18 set. 2022. Recuperado de: www.uol.com.br. Acesso em 11/11/2024.

TRUMP sugere tratar coronavírus com “injeção de desinfetante” ou com luz solar. In El País, 24 abr. 2020. Recuperado de: brasil.elpais.com. Acesso em 11/11/2024.

VICTOR, Fábio. Primeiro condenado no 08/01 surpreendeu colegas com radica-

lização e terraplanismo. In A Folha de S. Paulo, 20 set. 2023. Recuperado de: www.folha.com.br. Acesso em 11/11/2024.

VÍDEO mostra Haddad e Alckmin cantando em Paris no início dos protestos de junho. In Folha de São Paulo, 24 nov. 2013. Recuperado de: www.folha.uol.com.br. Acesso em 11/11/2024.